

UM RASTRO DE SI NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: O DOUTORADO SANDUÍCHE EM COIMBRA

Willian Diego de Almeida

iniciei minhas atividades de pesquisador-estudante na UFMS/CPTL em março de 2015, desenvolvendo o projeto intitulado “Mulher indígena e Lei Maria da Penha: uma análise discursivo-desconstrutivista para compreender a constituição da subjetividade *fronteriza*”, sob a orientação da professora Doutora Vânia Maria Lescano Guerra.

Como um estudante que ansiava por uma oportunidade de ampliar os “horizontes”, candidatei-me, no ano de 2016, ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), edital nº 19/2016, para o qual obtive êxito com bolsa integral cedida pela CAPES, para a realização de estudos em um período de seis meses: de junho de 2017 a novembro de 2017.

Tendo a Europa como preferência de escolha, o estágio foi aprovado para exercício na Universidade de Coimbra (UC), no Centro de Estudos Sociais (CES), localizado em Coimbra, Portugal. Por lá desenvolvi o Plano de Trabalho intitulado “Conflitualidade social e (re)produção identitária da mulher na Lei Maria da Penha”, sob a supervisão do professor Doutor Elísio Estanque. A escolha se deu pelo fato de a UC, do CES e de meu supervisor apresentarem

experiências na investigação avançada nas áreas das ciências sociais e humanas, que vão ao encontro da minha pesquisa, que gira em torno do fenômeno da língua(gem) na vertente discursiva e que se utiliza de epistemologias “outras” que sejam voltadas para compreender um *locus* (fronteiriço e subjetivo) de enunciação como brasileiro.

Mesmo após o (in)tenso processo de candidatura e de deferimento, que me possibilitaram ter um “norte” do percurso do doutorado sanduíche, ao chegar à cidade de Coimbra, Portugal, muitas coisas ocorreram. Por isso, (d)escrevo esse percurso da forma mais convencional possível: faço um recorte (discursivo), destacando um dos pontos que mais me marcou: a recepção na UC.

Antes de falar a respeito da recepção, faço um esclarecimento: a escrit(ur) a¹ que busco retratar torna-se apenas uma “rubrica” por dois aspectos: 1) O que menciono já é interpretação da (minha) memória (CORACINI, 2007), da minha subjetividade e, por isso, as informações alinhavadas nada mais são do que “rastros” de uma trajetória, mesmo que eu seja o “arconte” desta (DERRIDA, 2001, p. 12-13); 2) Seria impossível uma análise exaustiva do “acontecimento” doutorado sanduíche, até mesmo pela restrição de páginas. Portanto, sintetizar um período de seis meses, como diria Foucault (2006), é um “abrir à força”, uma escrita de si; é (des)arquivar de registros, que me “obrigam” a (re)interpretar na (minha) memória (já-ditos, pré-construídos; continuidades e descontinuidades).

A entrada à UC foi, para mim, digna de honra; mas, ao mesmo tempo, apreensiva, uma vez que as representações “clandestinas” que perfaziam a minha subjetividade estavam lajeadas por adjetivos como “estrangeiro”, “terceiro-mundista”, como muitos por aí afora fazem questão de (se/nos) colocar nessa ordem discursiva. Era como uma herança que não se fazia questão de receber, mas que parecia difícil de se distanciar.

Ao chegar à UC, fui direcionado para o CES a fim de procurar a Assessora do Conselho Científico e Coordenadora de Eventos, Comunicação e Imagem para a acolhida. Após a recepção, fiquei chocado com tamanha presteza e educação com que fui tratado. Senti-me valorizado, não só por

1 Cf. Grigoletto (2003, p. 32): “[...] o termo escritura empregado neste texto define-se como produção de linguagem, como inscrição de um texto no mundo, seja ele escrito ou falado, produzido ou compreendido”.

representar o meu país e a UFMS, mas pelo gesto de atenção que denunciou a ocorrência de mudanças, as quais iam além das proximidades entre Brasil e Portugal, uma “vizinhança” anunciada como uma ficção em livros de história colonizadora. Houve comprometimento, ética e envolvimento comigo, com a minha pesquisa e isso significou a quebra de muitas fronteiras, de maneira especial a queda da discriminação.

O acolhimento foi tão positivo, que logo fui direcionado para registro no *Welcome Centre for Visiting Researchers* (WCVR) da UC, onde tive um encontro oportuno com uma das colaboradoras da Divisão de Relações Internacionais, a qual complementou a atenção, o cuidado e as informações já oferecidas pelo atendimento que tive no CES: a importância da minha estadia por lá, da mobilidade e do acesso às dependências da UC.

Após todo esse processo, houve ainda outra recepção com o meu supervisor de estágio doutoral no exterior. O seu acompanhamento em minhas produções transformou meses, dias, horas e minutos de orientação, de pesquisas e de (re)leituras em momentos de muito aprendizado. Além disso, participei de eventos mundiais, internacionais, regionais e locais, como comunicador, palestrante e ouvinte. Essa recepção da UC e do CES representou para mim não só estímulo às minhas produções e práticas enquanto participante, como também contribuiu para o meu próprio gesto de emancipação educacional.

Todos esses momentos possibilitaram, para mim, um exercício descolonizante (LANDER, 2005) em minha subjetividade. Digo isso porque eu ponderava que a recepção, que a fala e o tratamento do outro (universidade e professor) seriam um tanto colonizadores; porém, a surpresa (positiva) me fez desconstruir essa ideia e afastar fantasmas de outrora. Foi um período de grandiosa desconstrução interior da relação eu-outro. Isso interferiu não só para o progresso da tese de doutoramento, mas para apontar que não devemos temer as exigências de um projeto global: a união de duas instâncias de conhecimento, com vistas à internacionalização de nossas instituições no Brasil, levando em consideração a transdisciplinaridade com outros “solos” epistemológicos.

Diante dessa síntese a respeito da recepção, cabe ressaltar que o PDSE pode exercer grande importância no meio acadêmico que busca uma leitura/postura crítica. Digo isso pelo fato de a UC, especialmente o CES, não reduzir

o estágio doutoral ao delimitável. Pelo contrário: ambos abrem amplamente a necessidade de pensar que é chegado o momento de derrubarmos muros e de atravessarmos despenhadeiros. De não verificarmos mais a relação do brasileiro com o português como o eu *versus* o outro, o colonizador *versus* o colonizado.

O título, especialmente “Um rastro de si [...]”, traz à baila os resíduos que (in)conscientemente constituíram o recorte desse percurso: a recepção. Rastros de si (que também é do outro) que emergem pela memória como produção de sentido e que se manifestam como efeito dos discursos fundadores da minha ipseidade. Eu pude re-criar não só informações, mas experiências que promoveram mudanças, cujas marcas me ajudaram a ser o sujeito que sou hoje e a melhorar o sujeito em que poderei me tornar amanhã...

Referências

CORACINI, Maria J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira): Plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Trad. de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Volume V: ética, sexualidade, política. Trad. de Elisa Monteiro e Manoel Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, P. 145-162.

GRIGOLETTO, Marisa. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In: ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 31-34.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Argentina, 2005.